



DESINFORMAÇÃO – A MAIS PODEROSA ARMA DA KGB

O tema de *O ICEBERG*, romance de Arnaud Borchgrave e Robert Moss, está no contexto da Operação Psicológica que o Movimento Comunista Internacional (MCI) desencadeia em escalas contínua e mundial.

Entrevistado pelo jornalista Philippe Labro, estabeleceu-se uma interessante conversa quando Borchgrave alinhou comentários sobre seu livro, misturados às informações sobre a ação do MCI, nesse campo.

Já temos escrito, em outras ocasiões, a respeito da importância que os comunistas atribuem à ação da propaganda, particularmente, através dos meios de comunicação social. A permanente lavagem cerebral realizada a custo de milhões de dólares, e mercê da cooperação de profissionais dessa área nos países alvo, tem possibilitado aos comunistas, vitórias mais expressivas que as conseguidas através de campanhas militares.

Vichinsky, na ONU, teve a clareza de declarar que os ocidentais seriam derrotados porque não acreditavam nas suas (deles) idéias. Em verdade, queria dizer que não se dá importância a propaganda, como meio de persuasão, ou não se percebe a grande capacidade de agressão que os comunistas adquiriram, pelo uso sem limites dos meios de comunicação social.

Breshnev já liberou a Diretriz lançada em Praga, hoje encontrada em qualquer livro ou panfleto comunistas, garantindo aos seus camaradas que a "coexistência pacífica não significa o fim da luta ideológica entre o leste e o oeste", e que, "esta luta só seria encerrada com a vitória final da tese socialista".

São absolutamente atuais as observações sobre os "veículos do discurso pre-comunista" (A propósito, procurem observar o emprego, por certas personalidades e certos jornalistas, da palavra discurso), perfeitamente enquadrados na "técnica do salame" visando à destruição paulatina dos valores da sociedade democrática.

Por outro lado, se a imprensa livre tem sido uma das características fundamentais do regime democrático, Lênin, cansou de repetir que um jornal era uma "terrível arma para se deixar nas mãos do inimigo". Por isso, castrou a imprensa na União Soviética e, de resto, foi seguido por todos os países comunistas. Isto não impede que, antes de tomar o poder, invoquem, a todo momento, o direito de ter seus jornais livres.

Ainda, vale ressaltar o desabafo do escritor, quando se refere a imprensa. Muito ciosa, nos países democráticos, de seus direitos de crítica, demonstra uma exagerada irritação quando sofre qualquer reparo. Deste modo, não recebeu bem O Iceberg. Seria bom se pudéssemos tê-lo no Brasil, principalmente, ao alcance da imprensa e da universidade.

Philippe Labro: *Como surgiu essa vontade de abordar, através da ficção, problemas como a "desinformação", a "finlandização", que nos ameaçam no limiar do que Kissinger chamou de "a década do perigo", nosso futuro imediato?*

Arnaud de Borchgrave: Tudo começou depois de Munique, depois dos Jogos Olímpicos de Munique. Em 1972, depois do massacre dos atletas israelenses pelo comando palestino, obtive informações em primeira mão sobre o "cérebro" por trás de toda a história. Um dia, minha mulher recebeu um telefonema anônimo dizendo "Seu marido não voltará a ser visto vivo". Eu levei a ameaça a sério e, depois de uma viagem rápida e semiclandestina pela Europa, fui parar na Inglaterra, entre amigos de confiança. Através desses amigos conheci um homem que, segundo eles, possuía outras informações sobre as redes de terrorismo que se espalhavam pela Europa e por todo o Oriente Médio. Ele se chama Robert Moss, é jornalista do *Economist* e conferencista nas grandes universidades americanas. Logo verifiquei que era, de fato, um dos homens mais estupidamente informados sobre os mundos paralelos, em particular os dois especialistas da "guerrilha urbana". Cotejamos nossas notas, como se diz. Conversamos também muito sobre a profissão que exercemos e a propósito me veio à lembrança outro episódio marcante da minha vida. Em 1967, vieram-me contar que um amigo meu, jornalista francês, era colaborador da KGB. Não acreditei. É claro que eu não vou-lhe dizer de quem se trata, mas depois veio a furo que o colega em questão trabalhava de fato para os serviços de informação soviéticos.

P.L.: *De que maneira?*

A.B.: Oh, é muito simples. A infiltração é lenta, mais ou menos como no "sistema das toupeiras", que John Le Carré ilustra em seus livros e seriados de TV.

Eles enchem um jornalista de informações verdadeiras, importantes e exclusivas, e depois, quando já o conquistaram começam a lhe passar outras notícias, outros dossiês, que apenas servem à propaganda soviética. Eu e Moss, então, discutimos esse fenômeno e trabalhamos durante cinco ou seis anos, deixando a idéia e a história germinar na cabeça. O romance aconteceu em seguida, na maior naturalidade.

P.L.: De romance ele só tem o nome. Eu reconheci facilmente vários colegas, dos quais o mínimo que se pode dizer é que eles foram, consciente ou inconscientemente, veículos do discurso pré-comunista, ainda que alguns se tenham penitenciado depois. Acho que reconheci também algumas personalidades do ensino e da política.

A.B.: É claro que eu botei nesse livro a experiência de 30 anos de profissão, valendo-me de contatos estreitos e permanentes, inclusive com os grandes serviços de informação.

P.L.: Você então conhece todos? Quais são os melhores? Pode-se estabelecer um hit parade dos serviços ocidentais? Quem merece quatro estrelas e quem fica por último?

A.B.: Bem, se o jogo é esse, convém botar a KGB *hors concours*. É a máquina mais experiente, mais temível e mais poderosa do mundo. Ela dispõe de todos os meios materiais possíveis de uma noção do tempo, da duração, e da garantia absoluta de que seus métodos e segredos nunca serão expostos num livro, numa publicação, numa emissão, num filme. Lá, pelo menos, nunca! As ramificações da KGB estendem-se por toda parte; não apenas na URSS e nos países satélites, mas também no Ocidente, na África, no Oriente Médio. Quanto ao Ocidente, acho que os melhores são os israelenses, sobretudo no plano da execução, mas os franceses também são excelentes, principalmente na pesquisa e exploração do que chamamos de "espionagem".

P.L.: Que não tem nada a ver com o trabalho efetuado pelos satélites-espiões?

A.B.: Não, é claro. Da CIA nem vale a pena falar. A CIA foi destruída por dentro, numa verdadeira implosão. Não que ela tenha sido perfeita, infalível e virtuosa. A virtude e a espionagem, aliás, não têm nada em comum. Mas enfim ela existia, com suas redes, seus agentes, suas atividades. A partir dos anos 60, a degradação da função presidencial nos Estados Unidos, a campanha de imprensa e de demolição da CIA, realizou-se um tal trabalho de sapa que não é mais possível classificá-la em sua hipotética *hit parade*.

P.L.: Certo. Mas agora uma coisa; se seus elementos procedem de contatos desses meios, por que não lhe acusam também de ser "desinformado", mas pelo outro extremo — de ser intoxicado?

A.B.: A ficção que escrevo baseia-se em fatos historicamente conhecidos. Meus dossiês existem e são inatacáveis. Além disso, meu próprio passado, meu ódio de todos os extremismos, de qualquer caça às bruxas, e que se pode chamar de meu "liberalismo", falam por si mesmos. Por outro lado, a segunda fonte a partir da qual

estabelecemos nosso relato e expusemos a realidade da "desinformação" foram os próprios relatos dos trãnsfugas, aos quais pudemos ter acesso. Chamo de "trãnsfugas" aos profissionais da informação que se bandearam do Leste para o Ocidente.

P.L.: *Mas eles também podem ser suspeitos de parcialidade, todo mundo sabe que um trãnsfuga "vem do frio" por motivos muitas vezes estritamente pessoais, e não ideológicos. Há trãnsfugas que desfiam seu rosário para justificar sua existência por conta do país que os acolhe pelo restante de seus dias!*

A.B.: O que um trãnsfuga diz é realmente passível de cautela. Mas quando dois, 10, 20 dão as mesmas informações a duas, 10 ou 20 fontes, aí a coisa se torna séria. Existe um verdadeiro consenso dos principais trãnsfugas, nos últimos 20 anos, a propósito dos objetivos a longo prazo da KGB. Consultamos seus dossiês, quando não os encontramos pessoalmente. Poloneses, romenos, búlgaros, russos. Também tivemos contatos com alguns chineses. Quando tantos testemunhos coincidem, é lícito admitir que estamos em face de uma realidade.

P.L.: *Vejamos um exemplo. Em seu livro há uma frase que teria sido pronunciada por Brejnev em Praga, em agosto de 1973, durante uma reunião dos principais líderes comunistas da Europa Oriental. Reunião essa que ninguém falou até hoje, pelo menos na grande imprensa.*

A.B.: Claro, porque era uma reunião secreta!

P.L.: *E por que Praga, e não Moscou?*

A.B.: Porque Praga, para esse tipo de reunião, é mais discreta. Pode parecer paradoxal, mas é isso aí.

P.L.: *Brejnev teria dito esse dia, há portanto sete anos, que "em 1985 estaremos em condições de exercer nosso poder por toda parte onde desejemos".*

A.B.: Havia nessa reunião um agente tcheco, um agente duplo, que trabalhava para um serviço europeu. Um cara esperto que passou para o Ocidente. O documento que ele forneceu sobre essa reunião secreta era tão importante que, quando o viram em Washington, mandaram uma das mais altas personalidades do Governo americano da época — no maior sigilo, é claro — para falar com esse homem. O relatório indicava que alguns líderes comunistas haviam criticado Brejnev por sua política de "distensão" com o Ocidente. Foi então que Brejnev explicou que a "distensão", para ele, permitiria obter mais depressa os meios de expandir o poder soviético. Mas o enviado americano que ouviu o trãnsfuga não quis acreditar nisso.

P.L.: *Por quê? Por que isso não combinava com a política de distensão da época, tal como a praticavam os Governos ocidentais?*

A.B.: Exatamente. A frase autêntica, que em *Iceberg* nós modificamos um pouco, era "A coexistência pacífica é uma simples intervenção que permitirá às forças do socialismo obter a supremacia militar global a partir de 1982..."

P.L.: *E onde entra a "desinformação" em tudo isso?*

A.B.: Bem, ela consiste justamente em adormecer a opinião pública e os Governos para prolongar essa "distensão", essa "coexistência pacífica", enquanto eles continuam se armando.

P.L.: *Eles, os soviéticos, não os ocidentais!*

A.B.: Naturalmente. A palavra "desinformação", como você sabe, não existe em francês nem em inglês. Apareceu pela primeira vez em 1968, quando o serviço da KGB encarregado dessa tarefa foi transformado num dos cinco grandes departamentos do órgão. A letra A o identifica. E foi entre os agentes russos que a palavra — *dezinformatsiya* — começou a circular. Sob ela se engloba toda uma variedade de técnicas e atividades que visam propagar entre os jornalistas ou intelectuais do Ocidente os objetivos da política exterior soviética.

P.L.: *Uma operação de "desestabilização" intelectual?*

A.B.: É, pode ser isso. A ilusão exercida desde os tempos de Lênine sobre os intelectuais das décadas de 20 e 30. Um Bernard Shaw, um Aldous Huxley, o jornalista americano John Reed, que voltou da URSS dizendo, enquanto Stalin fuzilava ou prendia milhões de pessoas, que "tinha visto o futuro em marcha". Ora, o futuro já se banhava em sangue, como a realidade do Gulag, enfim reconhecida, acabaria confirmando aos olhos da imprensa e da opinião ocidentais. Mas quem escrevesse isso na época, ou quem o faça ainda hoje, podia como pode ser tratado de propagandista fascista e reacionário.

P.L.: *Mas voltemos a 1968, quando, segundo você, surgiu o Departamento A...*

A.B.: E seu chefe, o General Agayante, uma inteligência brilhante, cuja sucessão foi assumida depois por outro "cérebro", Serguei Kondrachev.

P.L.: *Certo, certo... Mas, e 1968, não é uma coincidência?*

A.B.: Não sei. É verdade que para todos os observadores 1968 foi um ano vital, uma grande virada. A perda das ilusões sobre o domínio militar americano no Vietnam, a grande maré de contestação no mundo, o ataque generalizado, no Ocidente, a todos os princípios de autoridade.

P.L.: *Não me vá dizer que isso foi fomentado ou planejado nos escritórios desse famoso Departamento A!*

A.B.: Não, eu não sou ingênuo. Mas a KGB logo analisou a situação e soube tirar partido dessa convergência de contestações e fracassos. Segundo o testemunho de um trãnsfuga, Agayante disse, numa das reuniões da época, que era preciso "estimular os jornalistas ocidentais a escrever exatamente o contrário de nossas intenções verdadeiras".

P.L.: *É esse então o tema do Iceberg?*

A.B.: Sim, é mais ou menos isso, e há um personagem que diz que os soviéticos sempre esperaram que as nações da Europa Ocidental se desintegrassem antes da América. Afinal eles consagraram todos os seus esforços para se infiltrar nas ins-

tuições européias e disseminar profundas suspeitas sobre os americanos, a fim de compensar o que eram na época, uma inferioridade militar soviética. Mas eis que a guerra do Vietnam acaba em catástrofe, tendo um efeito corrosivo sobre o moral americano, sobre a sociedade. O Vietnam engendra Watergate que engendra Carter que engendra o que nós todos sabemos... A análise soviética deu uma virada de 180 graus; é bem possível agora que a América se arruine antes da Europa!

P.L.: *O fiasco iraniano acaba de confirmar a análise e acelerar o processo.*

A.B.: De certa forma, sim. Como não ver que, diante desse fiasco, os países da Europa serão levados a querer obter com os soviéticos uma garantia para o futuro? Como não ver com inquietude que o empenho em "salvar a distensão" pode levar a virar as costas aos Estados Unidos e a entrar em entendimentos com a URSS?

P.L.: *"Desinformar" então é em suma, para você, e mais prosaicamente, enganar o adversário, o outro sistema?*

A.B.: Repare uma coisa. Os tratados para limitar as armas estratégicas, você não acha que eles foram a cortina de fumaça por trás da qual a URSS continuou a montar seu formidável aparelho militar? Os Governos americanos e europeus insistiram em preservar a distensão apesar de quatro momentos perigosos que, normalmente, teriam servido de sirenas de alarme muito mais violentas que o recente caso do Afeganistão, no fim de 1979. Vou enumerá-los: 1º) o envio de tropas cubanas para a África, em 1975; 2º) em novembro de 1977, 10 dias após o encontro Begin-Sadat em Jerusalém, uma ponte aérea soviética violou o espaço aéreo de cinco diferentes países, passou por sete rotas distintas, para driblar a vigilância dos israelenses e da IV Frota dos Estados Unidos, e foi desembarcar na Etiópia no espaço de seis semanas, o equivalente a um bilhão de dólares de material bélico — mas ninguém protestou e tudo continuou como antes, pois protestar era contrário à política de distensão a qualquer preço; 3º) 1978, o golpe de Estado marxista no Afeganistão, muito mais importante que a invasão de 27 de dezembro de 1979; 4º) em 25 de outubro de 1979, a URSS assinou um tratado de amizade com o Iêmen do Sul, único Estado marxista do mundo árabe. Mais abrangente que qualquer outro acordo árabe-soviético desde a II Guerra, esse tratado prevê, por exemplo, a implantação de três bases militares e o aumento do número de "consultores" cubanos e alemães orientais, eufemismo que designa militares cujo efetivo deve passar de três para 20 mil nos três próximos anos. O mapa indica hoje que, entre a base do Iêmen do Sul e as que prosseguem em construção acelerada no Afeganistão, os soviéticos estão a 500 km da margem Leste do estreito de Ormuz e, pelo outro lado, a 800 km da margem oeste do Golfo Pérsico.

P.L.: *E o que significa isso?*

A.B.: O objetivo da operação, explicado pelos tráfugas, é estabelecer uma estratégia de controle das matérias-primas da Europa. Controlá-las, e não se apoiar deias, o que equivale a dizer mais ou menos "Prestem muita atenção, daqui para a frente vocês dependerão mais do poderio militar soviético que do poderio militar americano". Em suma, é a mensagem da "finlandização"

P.L.: *E essa mensagem foi então captada?*

A.B.: Acho que sim, sobretudo porque, alguns meses depois, ocorreu o fiasco no deserto do Irã. Os helicópteros americanos não funcionaram, houve a colisão, a confusão, a retirada às carreiras, a cruel e brutal tomada de consciência, pelo chamado mundo livre, de que o "guarda-chuva" americano anda emperrado. Que vitória para os soviéticos! E como ela se inscreve na filosofia de seus dirigentes... Não sei se o grande patrono dos serviços secretos da Alemanha Oriental, Marcus Wolf, o conserva ainda, mas em certa época ele teve em seu gabinete um quadro com uma citação de Sun Tzu, o Clausewitz chinês, de quatro séculos antes de Cristo, que dizia: "A maior vitória não é ganhar no campo com batalhas, mas reduzir as forças do inimigo sem precisar combatê-lo". Foi um trãnsfuga da Alemanha do Leste, que hoje vive na República Federal, quem me contou...

P.L.: *E será que essa frase, terrivelmente reveladora, não foi analisada pela CIA nem por outro serviço?*

A.B.: Não sei.

P.L.: *Bem, mas se você escreve romances a partir de tais elementos, e se hoje falamos disso, é provável que os serviços ocidentais tenham transmitido todas essas informações a seus respectivos Governos. Que uso eles fazem delas?*

A.B.: A CIA, como eu já disse, no momento não faz mais muita coisa, embora se deva sublinhar que, diante dos sucessivos fracassos, o Presidente dos Estados Unidos, o Congresso, o Senado, apesar das fervorosas ondas de virtude que os levaram a paralisar a ação do órgão, parecem querer voltar às suas primeiras iniciativas. Não está fora de cogitações que se reconstrua um grande serviço secreto que possa funcionar em segredo, conforme sua definição, sob todos os regimes e em todas as latitudes.

P.L.: *Seu livro O Iceberg tem um final feliz. À beira do cataclismo, do caos mundial, enquanto os soviéticos continuam a marcar pontos e a conquistar pouco a pouco territórios e influências por todo o Oriente Médio, campo das reservas energéticas ocidentais, faz-se sentir um sobressalto e uma reação se opera. Trata-se, mais uma vez, de "ficção política"? Ou será uma concessão ao grande público, que gosta de um happy end, ou uma convicção pessoal?*

A.B.: Talvez esses três fatores juntos. Eu acho que o sobressalto é inevitável. Acho também, e é uma evidência, que a URSS continua a ter necessidade de tecnologia americana e européia. Insisto em "européia", porque a Europa, no momento, concorda muito mais facilmente que os Estados Unidos em transferir sua tecnologia para os soviéticos. Acredito por fim, para voltar à citação de Sun Tzu, que uma confrontação direta não será do interesse da União Soviética. É a continuação da citação: "A luta corpo a corpo é a maneira mais primitiva de dar combate ao inimigo"

P.L.: *Vamos terminar essa entrevista com dois pontos concretos que vêm à tona em seu livro. Primeiro, em seu relato dos múltiplos métodos de "corrupção e desinformação", vocês se referem à arma sexual. Vemo-nos aí de repente em face*

do que se pode chamar de síndrome de James Bond. As belas espiãs soviéticas que fazem o adversário cair na cama para em seguida submetê-lo a uma chantagem. Não é um pouco forçado, para os dias de hoje?

A.B.: Para os latinos, os franceses, talvez... Mas para os anglo-saxônios isso funcionou e funciona ainda, e não necessariamente em níveis muito elevados. Se você acha que tem a ver com James Bond, é um sinal de que Ian Fleming era muito mais bem-informado do que se pensa, pois existem escolas de *sexpionage* na URSS, sob a supervisão da KGB, onde se ensinam a mulheres e homens o manéjio do corpo e a técnica da sedução.

P.L.: *É verdade?*

A.B.: Claro que é! As mulheres são chamadas de "andorinhas" e os homens de "corvos".

P.L.: *Noto nesse universo a profusão de nomes de aves. Há "falcoões" e "pombas". Então há também as "andorinhas"? Outro dia eu li que os soviéticos chamam os políticos europeus de "libélulas", porque eles são inteligentes mas frágeis. Vamos então ao meu segundo e último ponto. Mesmo usando nomes fictícios, mesmo mesclando cenas fictícias a situações reais, você fez em seu livro graves acusações contra sua própria profissão. Como os colegas, e particularmente os jornalistas americanos, recebem isso?*

A.B.: Nem sempre recebem bem. Já me desencaram, já me repreenderam. Acusam-me, como você mesmo deu a entender no começo da entrevista, de participar de uma campanha no outro sentido. Devo lembrar antes de tudo que eu recorri à ficção, ao romanesco. Depois, que eu apenas estou contando abertamente o que por muito tempo se dizia em voz baixa. Na verdade me limito a dizer que nós também, jornalistas, deveríamos fazer às vezes um exame de consciência. Quando um cirurgião não consegue impedir, talvez por imperícia, que um paciente morra, é normal que seus colegas se reúnam e se solidarizem com ele; era uma morte inevitável, não foi um erro humano o que houve. Quando um jornalista age do mesmo modo, o que ele mata não é um paciente, mas a própria sociedade na qual vive. Quanto a mim, creio profunda e sinceramente numa forma de democracia. Sinto tanto os perigos que vêm da extrema direita quanto da extrema esquerda, pois todos levam ao totalitarismo. E é para aí que caminhamos talvez, caso a opinião pública não seja corretamente informada. Uma vez eu tive uma conversa amistosa e simples com um dos meus redatores-chefes, que hoje já não está na profissão. Perguntei-lhe por que se insistia tanto, em nosso jornal, em demolir a reputação de nossos serviços de espionagem e contra-espionagem. Por que somente a CIA — o que talvez fosse necessário — e por que nunca a KGB? Ele me respondeu que nunca tinha havido um pedido de averiguação sobre ela. Tudo que eu reclamo é esse direito de averiguar todas as coisas.

(A entrevista de Arnaud Borchgrave foi publicada no Caderno Especial do Jornal do Brasil em 15/6/80.)